

7. Fazer existir uma ideia.

Dar corpo a uma ideia resulta num extenso desafio. O primeiro momento é um acontecimento cerebral e daí até à sua existência podem seguir-se muitas etapas. Com a sua origem no grego antigo *idéa* ou *eidea*, de raiz etimológica em *eidos* – imagem, remeto-nos para a imagem primeira, que projectamos na mente. A vontade da sua concretização traz uma energia extraordinária que irá conferir uma convicção capaz de mobilizar o necessário para ver a materialização da ideia. Querer aceder a essa imagem primeira é uma instigação ao indivíduo para tornar possível e real uma existência mental. Na acção originária irão ser convocados os parceiros que se integrem nos propósitos preliminares, trazendo para a execução uma mais valia de pensamento e energia.

Quando em 2014, o Presidente do Município, Dr. Paulo Cunha, avançou com a proposta da criação de um espaço que permitisse mostrar arte contemporânea, entendeu-se, sem arrogância, mas como serviço público, que faltava fazer despertar na comunidade Famalicense uma maior atenção à criação artística em Portugal, e, assim, estávamos perante uma ideia desafiante e de elevada responsabilidade.

Que resposta dar perante um desafio destes e que soluções poderiam ser encontradas para que o projecto a desenvolver se tornasse singular e prenda a atenção do público? A resposta ao desafio foi projectar uma programação cuidada que pudesse trazer a Vila Nova de Famalicão o que de inovador e de referência se está a desenvolver em Portugal no âmbito da criação artística. Poder dar a ver obras de Artistas com percursos consolidados e de relevo no avanço da História da Arte.

Para se concretizar e dar corpo à ideia foi necessário encontrar o espaço físico que lograsse acolher as exposições e permitisse desenvolver toda a programação com coerência e condição física para receber as obras e o público.

Uma sala com pouco mais de 50m² inserida no espaço do Museu Bernardino Machado acabou por ser o sítio eleito e que cumpre com os requisitos necessários ao considerado anteriormente. Esta sala está no centro da cidade e num local de bom acesso, o que em muito contribui para uma maior aproximação do público em geral e integrar a estrutura do edifício do Museu Bernardino Machado traz uma articulação de convivência dos públicos que nas diferentes intenções de visita poderão acabar a ter inter-relação de conteúdos e experiências do qual sairão beneficiados certamente.

O projecto da Galeria Municipal trazia a necessidade da atribuição de uma designação para o mesmo. Que nome usar para que o propósito da ideia se tornasse mais consolidado e firmado?

Ala da Frente, foi o nome que veio responder ao desígnio que se procurava neste projecto. Num sentido mais objectivo estamos a usar uma sala na ala da frente do edifício, mas que não se fica nesse plano tão terreno, pois propõe-se uma outra abrangência e reflexão, contribuir na divulgação da obra de arte. E na valorização da criação artística como contributo para o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo.

A “Ala da Frente” traz ao seu espaço o trabalho desenvolvido por aqueles que se dedicam a tornar visível as mais diversificadas formas de sermos e de existirmos. Os que corporizam ideias e partilham as inquietações de forma tão sensível que nos possibilitam dedicados momentos de contemplação, nos oferecem ampliações dos sentidos e nos confrontam com o entendimento da nossa vida.

O crescimento e desenvolvimento de uma comunidade faz-se com a sua capacidade de organização, sentido de equilíbrio e inovação, onde todos são convocados a contribuir com dedicado empenho. Não há, contudo, uma comunidade que possa estar equilibrada e em progresso se não estiver consciente da sua necessidade de educação e de uma sensibilidade criativa e artística. Alcançar uma maior amplitude no momento de gerar ideias, implica um lastro de vida, de liberdade e de sensibilidade, esta, a sensibilidade, não deverá nunca ser restringida ou, inexplicavelmente, amputada quando parte da comunidade a não entende ou dela pouco ousa saber ou experienciar.

O trabalho desenvolvido com cada artista e em cada exposição resulta num livro que tornará o acontecimento da exposição num objecto de continuidade e de memória, para além da sala de exposição e para além das obras expostas. Estas memórias, estes livros, são em si um prolongamento no tempo e no espaço do projecto da Ala da Frente, assim como do trabalho desenvolvido pelos artistas. São também uma fonte de estudo para todos aqueles que se interessam ou venham a interessar pela arte e as suas questões. Uma forma de dar existência ao sentido de génese da nossa comunidade.

As formas práticas da ideia.

A 30 de Maio de 2015 inaugurou-se a Ala da Frente com a exposição “Un Dimanche...” de Jorge Molder. Um momento especial, quer porque se via concretizada a ideia, quer porque tínhamos entre nós Jorge Molder a expor uma série de fotografias que nos permitiam aceder ao seu misterioso universo de trabalho.

A primeira exposição foi ainda uma forma de podermos ter consciência do espaço da sala através do modo como Jorge Molder dispôs as suas fotografias desafiando-nos a uma imprevista e cuidada atenção.

1. Exposição "Un Dimanche...", Jorge Molder.
2. Exposição "Exúvia", Rui Chafes.
3. Exposição "Encaústicas", João Queiroz.
4. Exposição "Prova de Estado", José Pedro Croft.



Esta resposta, o modo como nos foi dado experienciar a relação com as fotografias, representou também o modo como Jorge Molder respondeu ao convite e acarinhou o projecto tornando-se o maior estímulo para a sua continuidade.

A exposição “Exúvia” de Rui Chafes, inaugurou-se a 17 de Outubro de 2015 com esculturas de grande dimensão que nos confrontaram com a matéria de trabalho do artista, o ferro. Estávamos perante a presença do silêncio e da poesia, manifestados nestas formas que habitaram o espaço. Uma obra feita da inquietação e interrogação do tempo, numa ordem do corpo, não na sua convenção tradicional, mas através do domínio da matéria por intermédio do fogo, assumindo outras formas e outros movimentos.

Com a exposição “Encaústicas”, de João Queiroz, é inaugurada a 6 de Fevereiro de 2016 a terceira exposição do então emergente projecto da Ala da Frente, uma exposição que permitiu ver a pintura de João Queiroz e a sua capacidade de nos levar pelo universo da paisagem reduzida aos seus elementos mais simples ou mesmo os mais invisíveis. Uma capacidade de simplificação notável perante uma subtileza cromática singular, onde os contrastes alcançados nos convocam a uma contemplação morosa.

José Pedro Croft, veio inaugurar a sua exposição “Prova de Estado” no dia 4 Junho de 2016, com um núcleo de gravuras que nos mostra um trabalho intenso, numa contínua procura e entrega laboriosa, o processo revelado em cada prova, em cada consequência desse fazer, para se atender e afectar a atenção a cada resultado, a cada nuance a cada detalhe que toma a autenticidade do todo.

“Ridi Paglaccio” é a exposição que Pedro Cabrita Reis inaugura na Ala da Frente a 15 de Outubro de 2016. Um trabalho que tem em si uma tónica do humor, como o próprio Pedro Cabrita Reis afirmou, “Há uma tónica comum a todas elas: o humor. Em todas há uma história e uma intenção de brincar com ela, de desfazer o mito do artista enquanto herói, desmistificando aquela pose heroica que nos habituamos a ver em todos os autorretratos de artistas, poetas e músicos”.

Uma exposição que nos levava a uma observação de maior proximidade ao universo mais íntimo de Pedro Cabrita Reis e nos deixava a reflectir sobre a figura do autor, dos seus mundos, das suas questões feitas a partir da simplicidade das vivências.

Com a exposição “Desordem Vertical”, Pedro Casqueiro inaugurou no dia 4 de Março de 2017, a quinta exposição. Observaram-se pinturas que nos desafiavam a atenção demorada de forma a assentirmos ao corpo da pintura. Um trabalho de cuidadas pesquisas, num recurso atento à cor, com uso das formas geométricas que constroem universos de reflexão, de ironia

5. Exposição "Ridi Paglaccio", Pedro Cabrita Reis.
6. Exposição "Desordem vertical", Pedro Casqueiro.
7. Exposição "Natureza dentro", Alberto Carneiro.
8. Exposição "Uma certa quantidade", Jorge Queiroz.



e de profundidade de observação. Pedro Casqueiro tem tido um percurso singular, coerente e com uma prática exigente do exercício da pintura. A sua investigação é formada pelo aprofundamento do fazer pictórico, explorando formas, registos, diagramas, estruturas mentais e visuais que denunciam uma pintura de pendor abstratizante. Não se propõe fazer uma representação do abstracto, mas aprofunda a concepção do abstracto. A pintura como forma de pensamento.

“Natureza dentro” uma exposição da obra de Alberto Carneiro que inaugurou no dia 10 de Junho, já sem a presença do autor que nos havia deixado em Abril, sendo esta a primeira exposição que se realiza após a sua partida.

A natureza é a via por onde se chega à obra de Alberto Carneiro, a mesma natureza que lhe serve de base de trabalho e com a qual revela de forma sensível a autenticidade dos espaços que nos rodeiam e que muitas das vezes não notámos. Uma atenção apurada e um estudo elaborado levam a articulações muito equilibradas no uso dos elementos que constituem a sua obra, elementos esses obtidos no espaço natural. Um campo amplo que se percorre, onde o corpo se insere, se agrega e toma parte do todo reflexivo.

Como nos tornamos observadores? Como despertamos os sentidos para atendermos ao mundo que nos rodeia e ao que nele está contido como complexo universo de fragmentos? Uma cuidada atenção será por si a base para iniciarmos a observação, que, na verdade, se atenta com a sensibilidade presente nos sentidos. Esta será a forma de podermos chegar à obra de Alberto Carneiro, prestando-lhe tempo e atenção, seguindo o seu curso, indo na corrente do seu leito. Vaguear a floresta e nela sorver o sentido de cada árvore, de cada ramo, de cada folha e perceber que cada detalhe é em si um ensinamento, uma experiência, uma memória. Esta exposição permitiu apresentar o universo de Alberto Carneiro, um universo íntimo revelado por “Pequenos objectos estéticos” e “Peças orientais”, onde nos era permitido aproximar do exercício de pensamento realizado ao longo dos anos através destes objectos que se apuravam na exploração do sentido da simplicidade e da poesia.

Com a exposição “Uma certa quantidade” de Jorge Queiroz, inaugurada a 7 de Outubro de 2018, foi-nos dado a ver uma selecção muito particular das obras deste artista.

Formas que se adivinham, registos, inscrições e texturas asseguram as composições de Jorge Queiroz. Um trabalho desenvolvido com o desenho como principal meio para asseverar o seu processo criativo. Em cada um dos seus trabalhos vamos sendo surpreendidos por formas que se pronunciam com sugestões de espaços e de eventuais seres que os habitam, sem que esta espécie de narrativa se exponha de forma evidente, mas levando-nos por uma incursão no espaço. Há um uso da linguagem do desenho pela exploração dos seus meios técnicos, conjugando-os

e deles retirando soluções capazes para assegurar que cada linha, cada mancha, cada textura consolide uma possibilidade de articulação da composição e nos revele um imaginário desafiante, surpreendente. A exposição permitiu-nos acercar do trabalho que tem vindo a desenvolver, desafiando a atenção e o exercício de observação, para potenciar uma contemplação e fruição muito particulares.

Miguel Branco inaugurou a 3 de Fevereiro de 2018 a exposição intitulada “Cratera”, uma exposição de pintura na sua maioria e uma única escultura.

A obra de Miguel Branco provoca um desafio à nossa presença no espaço da exposição. Estamos perante uma obra muito cuidada, suportada por um elaborado estudo transversal à História da Arte. A pintura e escultura são usadas com uma singular atenção e as escalas reduzidas da pintura conferem um carácter intimista que nos atrai para uma fruição mais apurada. Miguel Branco tem uma dedicação particular com o espaço para que o resultado possa ser o mais completo possível e nos leve à contemplação, à visão cuidada de cada uma das obras. Estreitam-se laços de silêncio na nossa observação, a dimensão promove uma concentração delicada, minuciosa, precisa. Somos levados a ampliar a nossa percepção, há um espaço que se amplia e propõe outras dimensões. A exposição trouxe um singular trabalho de articulação das obras com a sala de exposição, redimensionando-a, tornando-a parte complementar à fruição da obra, onde podemos encontrar um conjunto de pinturas em que a “cratera” era o pretexto para se reflectir e aprofundar a nossa concepção do tempo.

A exposição intitulada “Outside In” apresentou obras de Gil Heitor Cortesão e foi inaugurada a 9 de Junho de 2018.

Gil Heitor Cortesão tem vindo a traçar um percurso muito singular, inserindo-se no núcleo dos artistas que aprofundam o estudo e reflexão da pintura. Desenvolve um trabalho onde a pintura se assume como um corpo capaz de fazer rever e pensar a imagem. Demonstra-nos que a pintura mantém um mistério que vai para além do plano da imagem, aprofunda possibilidades e instiga o conhecimento. A arquitectura ocupa um lugar de especial atenção, define algumas das estratégias de composição das obras, faz-nos observar os interiores e objectos que os ocupam. Mas é a noção do espaço que está subjacente às suas pesquisas e que nos resultados técnicos da pintura nos é apresentado por uma técnica menos habitual, em que a pintura é feita no verso de vidro ou acrílico, numa superfície lisa, sem texturas, de que resulta uma visão e sensação muito particular da obra. A exposição foi uma excelente oportunidade para ver as suas obras e usufruir da relação espacial nelas criada.

“Fantasmagoriana” foi o título escolhido por Adriana Molder para a exposição que inaugurou a 22 de Setembro de 2018.

9. Exposição "Cratera", Miguel Branco.

10. Exposição "Outside In", Gil Heitor Cortesão.



A literatura e o cinema têm sido uma constante fonte de inspiração para o trabalho de Adriana Molder. Partindo de contos ou romances e usando como modelos imagens pré-existentes, na sua maioria do cinema, mas também da História da Arte ou dos media, Adriana Molder tem desenvolvido um corpo de trabalho de desenho e pintura, focado essencialmente no retrato.

Na Galeria Ala da Frente, Adriana Molder apresentou uma série de sete pinturas de 2015 intitulada “Fantasmagoriana”, que deu o nome à exposição. Estas pinturas, todas elas retratos, tiveram como inspiração a colectânea de contos alemães, na sua maioria retirados dos primeiros volumes do *Gespenserbuch* de Johann August Apel e Friedrich Laun, que inclui também contos de Johann Karl August Musäus e Henrich Clauren, com o título “Fantasmagoriana”. Foi esta compilação de contos, traduzidos anonimamente por Jean Baptiste Benoît Eyriès, que Mary Shelley leu na Villa Diodati, e que a inspiraram a escrever *Frankenstein*. No ano em que se cumpriam duzentos anos da primeira edição do clássico de Mary Shelley, foi publicada esta compilação em português, no livro que acompanha esta exposição. O conjunto das pinturas de “Fantasmagoriana”, todas elas a acrílico sobre tela solta, de cores fortes, embora com um componente bastante sombrio, tal como os contos da colectânea, é habitado por espectros, fantasmas e histórias de amor. É também notório nestes trabalhos a contínua pesquisa e o fascínio da artista pelas fotografias de filmes. Todos estes retratos estão envoltos num ambiente predominantemente obscuro, fantasmagórico e cinematográfico.

Estas sete pinturas são sete momentos inspirados nos contos, aos quais Adriana Molder procurou dar aquilo que mais procura para os seus retratos, a intensidade. E é assim que o público pode conseguir reconhecer-se em rostos que, tal como os fantasmas destes contos, não são mais do que vestígios de emoções passadas.

A exposição “ANIMA MEA” de Alexandre Conefrey inaugurou a 9 de Fevereiro de 2019. Apresenta 28 desenhos que nos remetem para um universo da pintura de Brueghel, pintor Flamengo do Séc. XVI. O uso da linguagem do desenho e a exploração das expressividades do carvão suscitam uma particular atenção para as formas que surgem e se organizam em cada plano da folha de papel. Formas que partem das estruturas da torre e dos moinhos. Alusões, parencças, revelações, aproximações, são repostas que se propõem nas manchas, nas linhas, nas texturas que Alexandre Conefrey plasma na folha de papel. É a partir das quais que somos levados ao universo da simbologia, da presença do fazer histórico, em que cada autor, pela via da imaginação, deu sentido às formas que nos são familiares, mas nem sempre perceptíveis.

Uma exposição que propôs uma atenção à simplicidade do gesto e às suas potencialidades de expressão e investigação enquanto meio para reter as possibilidades da representação.

Um convite para que no lugar da galeria se prolongue o tempo, se amplie os espaços da nossa

11. Exposição "Fantasmagoriana", Adriana Molder.
12. Exposição "ANIMA MEA", Alexandre Conefrey.



11.



12.

compreensão e estímulo da nossa sensibilidade.

“O Rei Peste” foi o título da exposição de Francisco Tropa que inaugurou a 1 de Junho de 2019, com a apresentação de uma escultura.

A nossa percepção leva-nos a questionar a realidade, a expandir o entendimento e a usar a experiência para obter uma maior possibilidade de fruição. Na exposição “Rei Peste”, Francisco Tropa, vai ao encontro do conto com o mesmo nome de Edgar Allan Poe, para, por meio da escultura, nos interpelar a coexistirmos com um espaço presente na história. Não se propõe aqui uma representação desse espaço, mas um desafio à nossa percepção, ao nosso papel de espectador, que se vê perante o objecto escultórico, convivendo com ele e reflectindo a experiência. Se ainda não conhecermos o conto, a ele teremos curiosidade de chegar, assim como, se já o conhecermos, revisitá-lo e encontramos nesta obra possibilidades de expansão da leitura e um desafio à descoberta da criação artística, enquanto modo de congregação de ideias, hesitações, investigações, reflexões, que levam à existência de cada obra como um processo infindo.

Manuel Rosa veio inaugurar no dia 28 de Setembro de 2019 a exposição “primeiro os pés depois a cabeça”, apresentando esculturas.

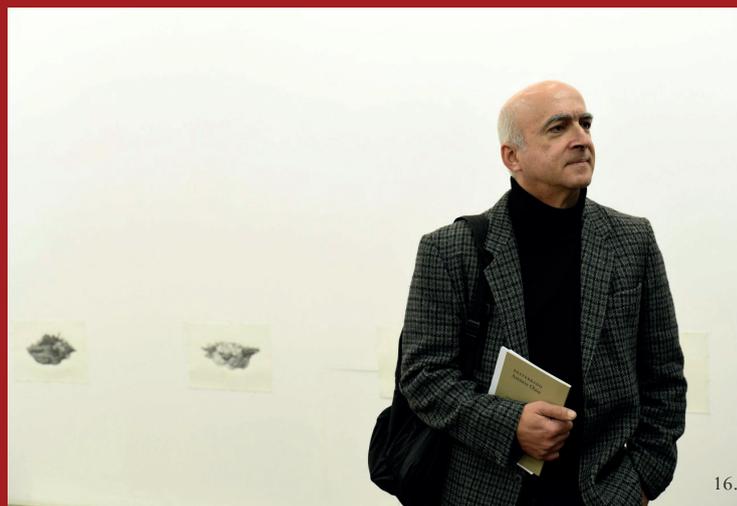
O poema de «pena capital» da autoria de Mário Cesariny, está na base desta exposição. Nos primeiros versos podemos ler:

*O Poeta, exorcismando no seu atelier nos astros:
das páginas do livro jovialmente aberto primeiros os pés depois a cabeça sais tu
não estás nada parecido
mas és sem dúvida o que se pôde arranjar*

Manuel Rosa confronta-nos com fragmentos do corpo, como se a partir destes pudéssemos acercar-nos do nascimento das formas e do sentido que se dá à existência destas. Como nos reapresenta o corpo numa referência ancestral é a presença da morte que nos alude à perecibilidade e desaparecimento. Pés, torços, crânios, os corpos desmembrados como memórias de seres, como memórias de tempo, que, no entanto, a arte não resgata, mas ensina a reflectir a nossa condição.

A exposição intitula “Desterrado”, inaugurada a 8 de Fevereiro de 2020, dá continuidade ao trabalho desenvolvido por António Olaio numa reflexão iniciada em 2017. Uma performance apresentada a 20 de Setembro de 2017 no Museu Soares dos Reis no Porto, levou Olaio a estabelecer uma relação com a escultura *O Desterrado* de Soares dos Reis, onde aparecia de

13. e 14. Exposição "O Rei peste", Francisco Tropa.
15. Exposição "primeiro os pés depois a cabeça",
Manuel Rosa.
16. Exposição "Desterrado", António Olaio.



fraque numa oposição à nudez da escultura e num questionar dos territórios e das relações que se estabelecem neste meio com as obras. Na Bienal Anozero'19, em Coimbra (2 Novembro a 29 Dezembro de 2019) veio dar seguimento ao percurso iniciado com a performance no Museu Soares dos Reis com a apresentação de uma instalação intitulada “Desterrado: Floating over my own ground” onde, num mesmo espaço, uma pintura e um vídeo deixavam-nos numa ambivalência da imagem em movimento com a imagem da pintura que pela sua verticalidade e posição elevada nos adensava a inquietação da nossa presença naquele espaço. Os sentidos procuravam ajustar-se, estávamos a flutuar. António Olaio tem a sua formação em Pintura, mas o seu trabalho vem-se pautando por uma abrangente exploração de linguagens e territórios criativos. Performance, a música (em 1986 forma e integra os “Repórter Estrábico”), o vídeo, o desenho, a pintura permitem-lhe uma abrangência de meios onde vai aprofundando reflexões sobre a representação e o seu sentido no objecto de arte. Expor num mesmo espaço diferentes suportes e linguagens é levar o observador a ajustar-se, a encontrar soluções de potencial equilíbrio, em resposta à instigação de desassossego que António Olaio lança. Uma provocação que oscila entre linhas ténues e linhas de força evidenciam unicidade no trabalho desenvolvido por Olaio.

Na exposição tivemos a presença da pintura, do vídeo e do desenho, num possível equilíbrio que nos levou a questionar o espaço e a nossa presença nele, assim como a nossa relação com o entendimento da arte. Quem observa quem? Quem fica desterrado?

O ano de 2020 veio mostrar-se um ano anómalo pela pandemia que a todos veio inquietar, no entanto, a Ala da Frente prossegue com a sua programação e apresenta a exposição “Lusco-Fusco” de Jorge Martins.

O desenho tem sido uma vigorosa prática de trabalho e pensamento ao longo do extenso percurso de Jorge Martins. Há um explorar constante das possibilidades que materiais tão simples como a grafite, o carvão, a sanguínea, tinta da china, entre outros lhe conferem, permitindo um complexo domínio, para através deles nos demonstrar e revelar formas e universos muito singulares.

“Lusco-Fusco” é o momento no qual a luz se esvanece para dar lugar à escuridão, o momento onde os limites e as definições das formas ficam em suspenso, espaço de transição, que em certa medida será o espaço de fusão da realidade com a ilusão. Neste espaço a projecção das formas acontece. Jorge Martins, tem essa aptidão de perscrutar o desenho para dele nos expor desafios de exploração das formas, das possibilidades de compreensão e aprofundamento de sensibilidades. A selecção de desenhos, aqui apresentada, aliciou a nossa curiosidade para indagar resoluções, desvendar sentidos e esperar que este espaço de lusco-fusco seja de intenso estímulo para a contemplação. As eventuais deambulações que assistem o realizar dos desenhos de Jorge

17. Exposição "Lusco-Fusco", Jorge Martins.



Martins são jogos de equilíbrio dos elementos que vão surgindo, na investigação das linhas, das manchas, dos planos accionados na prática do desenho e na exploração dos materiais implicados.

Acasos que se tornam objectivos, formas que se estruturam em organizações delineadas e uma concepção rigorosa que não põe em causa limites ou liberdades.

O saber que Jorge Martins vai conquistando, mostra-nos a singularidade expressiva da sua obra e nela encontrarmos incitações ao nosso sentido de percepção.

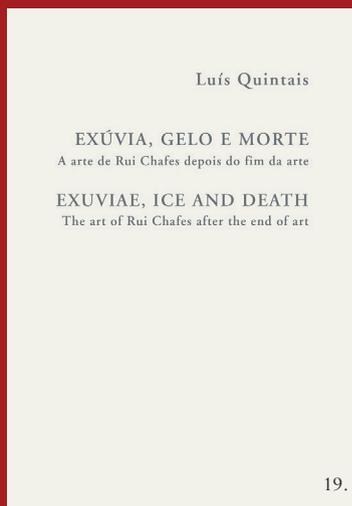
A Galeria Ala da Frente, em parceria com a editora Documenta, tem vindo a editar, em articulação com os artistas, um livro referente a cada uma das exposições, daí resultando uma edição singular e muito cuidada. Com estas edições prolonga-se a exposição para além do espaço físico da sala e fica um registo histórico que ajudará a estudos futuros.

Capas das edições:

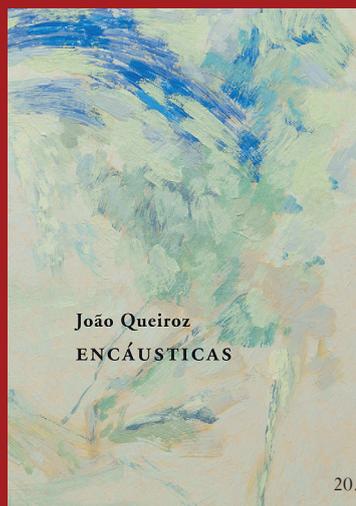
18. "Un Dimanche...", Jorge Molder.
 19. "Exúvia, gelo e morte", Rui Chafes.
 20. "Encaústicas", João Queiroz.
 21. "Prova de Estado", José Pedro Croft.
 22. "Ridi Paglaccio", Pedro Cabrita Reis.
 23. "Desordem Vertical", Pedro Casqueiro.
 24. "Natureza dentro", Alberto Carneiro.
 25. "Uma certa quantidade", Jorge Queiroz.



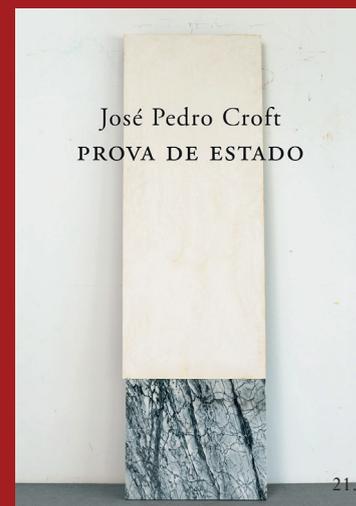
18.



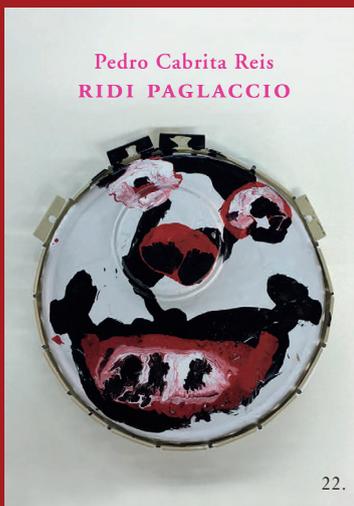
19.



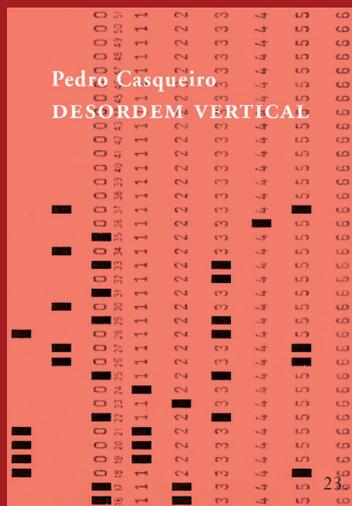
20.



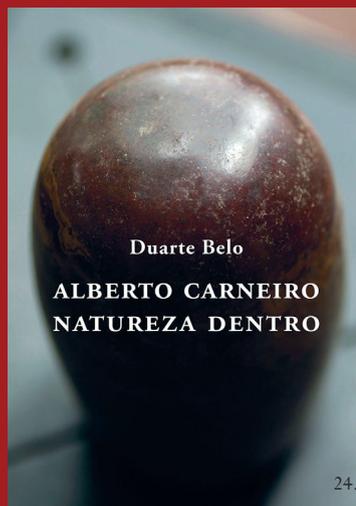
21.



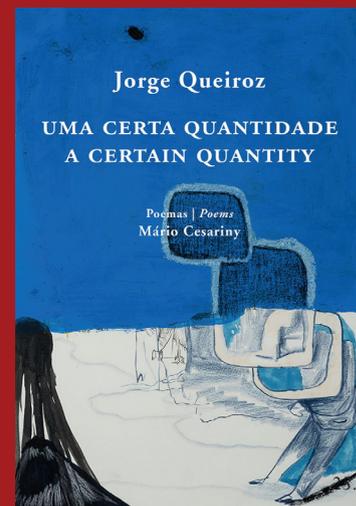
22.



23.



24.



26. "Cratera", Miguel Branco.
 27. "Fantasmagoriana", Adriana Molder.
 28. "Outside In", Gil Heitor Cortesão.
 29. "ANIMA MEA", Alexandre Conefrey.
 30. "O Rei Peste", Francisco Tropa.
 31. "Res Prima", Manuel Rosa.
 32. "Desterrado", António Olaio.
 33. "Lusco-Fusco", Jorge Martins.

